
Quatro histórias e uma epifania: estudos indisciplinados acerca do *budô* japonês

Fábio José Córdias Gomes

Mestre em Ciências da Atividade Física, Saúde e
Esporte – Universidade Nacional
de Tsukuba – Japão;
Doutorando em Educação – FE-USP.
São Paulo – SP [Brasil]
kiron@usp.br

Este estudo tem como objetivo compreender o conceito de *budô* japonês. Quatro modalidades foram enfatizadas para ilustrar a complexidade do tema: o *sumô*, o *kendô*, o *judô* e o *aikidô*. Após apresentar o conceito geral de *budô* e o das quatro modalidades, discutir-se-á o trânsito cultural dessa inexplorada área de conhecimento.

Palavras-chave: Cartilha do *budô*. Imigração japonesa.
Internacionalização do *budô*.

1 Sobre o conceito de *budô*

Com os primeiros imigrantes japoneses, na cidade de Santos, em 1908, desembarcaram, além de sonhos de realização econômica e agrária, alcançados por poucos, novas possibilidades de intercomunicação bi-cultural em diversos aspectos: gastronomia, literatura, música, dança, artes plásticas, tecnologia rural e urbana, esportes e os chamados caminhos marciais japoneses – ou o *budô* japonês.

A palavra *budô* significa caminho marcial, ou seja, um conjunto de idéias filosóficas, sociológicas, psicológicas e corporais implicadas no desenvolvimento da personalidade dos praticantes e da sociedade (CARDIAS, 2003; DRAEGER, 1969; KODOKAN, 2000). O termo arte marcial é utilizado como sinônimo de caminho marcial (BACK, 1984; DONOHUE, 2005; TANAKA et al., 2000).

Observa-se, contudo, que, nas leituras sobre o tema, há uma diferença no uso dessas expressões em âmbito internacional, especialmente entre órgãos oficiais reguladores dessas práticas; é o caso do *Kôdôkan Judô Institute*, de Tokyo, *Budô Dai Nihon Butokukai*, de *Kyoto*, e a tradução oficial, para a língua inglesa, da *Budô Kenshō* ou Carta do *Budô*, pela Academia Japonesa de *Budô* (CARDIAS, 2006; FRIDAY; HUMITAKE, 1997; KODOKAN, 2000). Assim, tanto em japonês, quanto nas mais recentes fontes em inglês, os termos caminho e arte marcial, embora parecidos, diferem quanto ao conceito. Para o observador japonês,

Budô [caminho marcial] termo geral para os vários caminhos marciais relativos ao guerreiro tradicional japonês, geralmente envolvendo algum tipo de sistema de combate ou técnicas combinadas com o

estudo dos preceitos do *bushidô* [caminho do guerreiro]. A palavra *budô* tornou-se um termo geral aplicado com o estabelecimento da Academia de *Budô* Daí Nihon Butokukai (Alta Sociedade das Virtudes Marciais do Japão), em 1919, e continua a ser usado como um termo geral para caminhos marciais como *judô*, *kendô*, *kyudô* e outros. (KODOKAN, 2000, p. 66, tradução nossa).

Percebe-se que acadêmicos, tanto em inglês quanto em japonês, fazem clara distinção entre arte e caminho marcial. Assim, neste artigo, corrobora-se essa tendência internacional. No entanto, ao se tratar de Brasil, não se descarta o uso do conceito arte marcial como sinônimo de caminho marcial.

Por ser tema pouco pesquisado em nosso país, as escassas publicações estão relacionadas aos aspectos performáticos em vez dos culturais. Por sua vez, em artigos científicos com leituras culturais dos caminhos marciais, encontram-se somente introduções e conjecturas superficiais, repetitivas e com um ar de promoção estereotipada da sabedoria oriental.

Para se debruçar sobre os caminhos marciais japoneses, na perspectiva que se pretende aqui, há barreiras de informação não somente em razão da língua japonesa, mas também pela escassez do que circula na academia. Assim, este estudo indisciplinar¹, fundamentado em textos de diversas áreas do saber, tais como história, filosofia e teoria do *budô*, propõe-se livre na tentativa de iniciar a construção de conhecimento.

Observa-se que, no Brasil, praticantes dos caminhos marciais (atletas ou amadores) muitas vezes se dizem auto-conhecedores dos caminhos marciais japoneses, referindo-se a clássicos como *A arte do arqueiro Zen*, de Herrigel, *Gorin no sho*,

de Myamoto Musashi, ou *Kodokan Judô*, de Kano, e *O espírito do Aikidô*, de Ueshiba. Mas essas obras, em que pesem seus valores históricos e informativos, não expressam sistematicamente o que é o *budô* japonês, visto que não era objetivo de nenhuma delas sistematizar seus estudos ou encerrar conceitos mais profundos. Isso também ocorre em outras esferas da cultura japonesa no Brasil. No caso específico das artes marciais, muitos dos praticantes se referem aos guerreiros samurais, apesar de não conhecerem os *bushis* ou *tsubamono* (guerreiros japoneses não samurais que os antecederam) nem terem conhecimento dos conceitos chave da cultura nipônica, como *on*, *giri* e *gimu*, relacionados a agradecimento e dívida moral (BENEDICT, 1954; NOGUCHI, 2004; TANAKA et al., 2000).

Objetiva-se aqui, portanto, iniciar o desvelo da cultura do *budô* japonês no Brasil, esclarecendo esse conceito estereotipado que iniciou com sua internacionalização. Em suma, apresentar-se-ão quatro histórias – por meio das quais se revelará uma epifania sobre o conceito de *budô* – referentes à sua migração, oriundas de nossas leituras e reflexões antigas e da duradoura vivência marcial, resultado de um período de quatro anos observando *budô* no próprio Japão.

2 Quatro histórias...

2.1 O *sumô*: o antigo *sumai*

A palavra *sumô* vem de *sumai*, antiga palavra japonesa que designa estrangulamentos ou golpes de chave, uma luta ou um *wrestling* asiático. *Sumô* é uma luta desarmada, que, *a priori*, não teve finalidade militar, tal como remonta a sua origem mítica e lendária. Seus passos mais primitivos apontariam

lutas oriundas do continente, especialmente China ou Coréia (NEWTON, 1994).

A origem mitológica de *sumô* está relacionada a dois personagens lutadores: um aparente mortal de nome Takemina-kata-no-kami², que desafiara o lutador de origem divina Takemikazuchi-no-kami, o grande campeão de sua geração. O segundo derrota o primeiro com golpes de uma luta chamada *sumai*, em um desafio por terras ancestrais divinas, garantindo a conquista da sublime raça japonesa. Uma versão lendária e menos antiga que a primeira apontaria que *sumô* teria surgido na praia de Izumo, atual província de Shimane. O campeão de luta *sumai*, Taima-no-Kehaya, desafiara Nomi-no-Sukune, de Izumo. Kehaya, no entanto, falece em consequência das lesões do confronto corporal, e Sukune é, então, tido como o pai da luta *sumô*, que em tempos remotos, tal como o boxe antigo, ainda permitia chutes baixos, socos e mesmo nadedagas (ASTON, 1972; NEWTON, 1994; PHILIPPI, 1968).

Aparentemente, o elemento religioso foi incorporado ao *sumô* para diminuir as mortes causadas em lutas, associando-o a festivais cíclicos de colheita. Um festival anual nacional foi estabelecido, relacionando-o com a colheita do arroz e o agradecimento divino pela comida. A partir daí, ganhou popularidade, teve sua forma modificada e regularizada, e os lutadores passaram a ser grandes personalidades do arquipélago. A partir do *sumô*, foram criadas outras lutas corporais, como o *kumi-uchi*, para ataques em campos de guerra, onde homens vestiam-se com armaduras, e não somente de *fundoshi*, uma espécie de sunga japonesa que usam os *rikishi* ou *sumotori* e os lutadores de *sumô*. E, por conseguinte, os *kumi-uchi* possibilitaram, muito provavelmente, o aparecimento de diversas escolas de *jiu-jitsu*, ou “técnica da suavidade”, caracterizado por lutas com

menos socos e chutes e mais chaves e arremessos (GUTTMAN; THOMPSON, 2001; NEWTON, 1994).

É muito extensa a história do *sumô*. Quanto ao fato de ser o esporte nacional japonês, não oficial, há tempo sua internacionalização, em termos estatísticos, parece ser a menos popular entre as quatro modalidades estudadas aqui. Há mais de três anos, Asashoryu, de origem mongol, é o grande campeão, o que desestabiliza o mais empolgado torcedor nipônico. A queda de popularidade e a participação de estrangeiros encenando campeões na arena japonesa resultam do fato de as novas gerações, com o fechamento de diversos clubes privados e públicos, não se interessarem tanto pelo *sumô*, no Japão.

No Brasil, há registros de sua prática entre os colonos de São Paulo e Tomé-Açu, no Pará. Sabe-se de eventos esportivos em que esse estilo marcial tinha seu espaço de exibição e competição. Um dos casos em que se realizavam competições era o ritual de comemoração do aniversário do imperador japonês, que, na época, era Taisho. Essas cerimônias de festejos se realizavam dentro das pequenas escolas ou núcleos educativos rurais nipônicos. Um desses núcleos era o de Tóquio, e há registros de 1918 da prática amadora do *sumô* entre homens jovens, tal como acontecia na colônia nortista de Tomé-Açu, antiga colônia Acará, desde 1929 (NOGUEIRA, 1984). Em uma passagem da descrição desses festejos japoneses, sobre o tema *sumô*, Handa cede a seguinte pista:

Na parte da tarde havia luta de *sumô*. Os brasileiros nunca tinham visto uma luta em que os competidores usavam apenas o fundoshi, e embora fossem em pequeno número eles assistiam admirados. O juiz ordenava ‘matta’ em japonês, e dizem que os brasileiros ficavam apavorados porque

em português essa palavra parecia significar ‘mate’, e não espere, que é o sentido de ‘matta’ em japonês. (1987, p. 246).

Hoje, no Japão, a popularidade da modalidade vem caindo gradualmente, e, para recuperá-la, há várias discussões em curso. Algumas tocam em questões tradicionais da prática, tais como sua maior internacionalização e a abertura oficial de competições femininas, o que para tradicionalistas seria o fim do *sumô*. No Brasil, contudo, a Federação Brasileira de *Sumô* promove a prática em ambos os gêneros. E, com a atual ascensão de lutadores estrangeiros no próprio arquipélago japonês, desde 1993, quando o havaiano Akebono consagrou-se *Yokozuna* (que significa grande campeão), talvez seja inevitável a adoção de medidas menos tradicionalistas para sua manutenção, evitando o fechamento de seus clubes, como bem ilustrado no filme de Masayuki Suo, *Shiko Funjatta*, de 1992.

2.2 *Kendô*, o legado da espada

Kendô significa o caminho da espada. A espada de metal foi uma arma central entre os grupos militares da era feudal japonesa, mas não a mais antiga. Os primeiros registros míticos apontam espadas de madeira, lanças com ponta de pedra e o arco e flecha como componentes de uma antiga indumentária de caça primitiva. Entretanto, é unânime que, na cultura samurai – ou guerreiros profissionais das eras *Kamakura* até *Edo* – a *Ken*, ou espada de uma lâmina, era a “arma alma” desses personagens (DONOHUE, 1999; ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 1973).

O *kendô* originou-se do *kenjutsu*; *dô* significa caminho, e *jutsu*, técnica. Não há um fundador do *kendô*, e sim vários colaboradores, o que possi-

bilita sua prática atualmente. O *kenjutsu* desenvolveu-se durante a era Tokugawa Ieyasu, de 1603 a 1867. Tokugawa foi o *shôgun*, ou grande general, que unificou diversas províncias do arquipélago japonês. Naquela época, o uso real da espada em guerras colocava homens em condições extremas de sentimento de medo relacionado à morte. Nesse período, desenvolveram-se diversas escolas como Itoryu e Shinkageryu. As necessidades psicológicas de enfrentamento no campo de batalha possibilitaram que mestres de espada passassem a desenvolver técnicas psicológicas adicionadas às disciplinas físicas, que passaram a fazer parte da tradição oral dessa casta, o *bushidô* (ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 1973).

O *kendô* foi criado no século XIX, ou seja, ao final do ofício samurai, quando, por influência da arma de fogo introduzida por europeus, especialmente pelos portugueses desde 1500, nas ilhas de Kyushu, a espada começou a cair em desuso. A obra cinematográfica de Yoji Yamada, intitulada, em português, *O samurai do entardecer*, ilustra bem esse momento histórico japonês. Assim, *kendô* foi desenvolvido a partir de *kenjutsu*, de forma gradual, seguindo alguns passos como: 1) espadas de bambu foram desenvolvidas para evitar lesões e mortes em treinos militares; 2) em razão da contínua falta de necessidade da espada em batalha real, a esgrima passou a ser praticada, valorizando-se aspectos culturais e espirituais; 3) observou-se que habilidades mentais e valores morais praticados por guerreiros, para lidar com o medo da morte, foram vistos como técnicas de valor, se adaptadas ao homem civil, e 4) naturalmente, com as principais terras do arquipélago unificadas, limitou-se a utilização da espada real e intensificou-se o uso de espadas de madeira e bambu, além de sua popularização (DONOHUE, 1999; ALL JAPAN KENDO FEDERATION, 1973).

Shirozaemon Naganuma e Chuzo Nakanishi são dois personagens importantes no desenvolvimento de equipamentos de proteção para a prática do *kendô*, tanto por sua popularização quanto pela modalidade competitiva. Foram eles que desenharam e confeccionaram as espadas de bambu tais como são conhecidas atualmente. Em sua época, início da era Meiji, muitas escolas tradicionalistas criticavam e defendiam a exclusão de competição no *kendô* (SHISHIDA; NARIYAMA, 1985). Dessa forma mais esportivizada, o *kendô* se espalhou por outros países, especialmente pela Europa e pelos Estados Unidos da América.

No Brasil, foi inicialmente praticado por imigrantes e descendentes nas colônias de São Paulo. Em 1933, com as comemorações de 25 anos de imigração japonesa no Brasil, fundou-se a associação Hakoku JuKenDo RenMei, em que os nomes de expressão eram os professores Kikuchi, Murakami e Kobayashi. No entanto, com o advento da Segunda Guerra Mundial e a proibição das escolas japonesas no Brasil, também se proibiu a prática de *kendô*. Assassínatos envolvendo militantes da Shindô RenMei, uma organização que promovia com extrema violência a falsa crença e divulgação da vitória japonesa na guerra, permitiu que o *kendô* fosse visto como prática ofensiva em território brasileiro. Somente na década de 1950, registra-se o retorno da prática de *kendô*, e, em 1959, é fundada a Abraken -Associação Brasileira de *Kendô*, base da atual Confederação Brasileira de *Kendô*. Um dos centros de grande importância para a história e o desenvolvimento do *kendô* brasileiro é a Associação Cultural e Esportiva Piratininga, no bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo, onde se pratica o caminho do *kendô* até hoje (HANDA, 1987; KENDO PIRATININGA, 2008).

2.3 *Judô, um budô olímpico!?*

Entre os caminhos marciais apresentados aqui, sem dúvida, o *judô* é um dos mais populares. Um dos fatores que contribuíram para isso foi que esse *budô* moderno se tornou modalidade olímpica, portanto amplamente apresentado à população, por meio da mídia televisiva, em razão dos campeonatos regionais e olimpíadas. Resultado da genialidade de um jovem estudante japonês da Universidade de Educação de Tokyo – atual Universidade de Tsukuba –, conhecido como Jigoro Kano, não possui origem mítica como o *sumô* nem comunga com o processo de mudança gradativa do *kendô*. Desde sua introdução, na XVIII Olimpíada, em 1964, em Tokyo, tornou-se o mais popular esporte olímpico entre os jovens. Em 1882, Kano fundou, oficialmente, o *judô*, e seu estilo ficou conhecido como *Kôdôkan*, mesmo nome do instituto que criou em Tokyo, ainda nas salas do templo budista Eishoji. O Instituto *Kôdôkan*, até hoje, regula a prática desse estilo, no Japão, diferentemente de outras modalidades de *judô*, como o *Jikishinryu Judô*, de Masayori Inoue, cujo estilo sobreviveu até os anos de 1700 (KANO, 1986; KODOKAN, 2000).

Das centenas de escolas de *jujutsu* japonesas, Kano concentrou-se no estudo de duas, *kitô ryu jujutsu* e *tenjin shin'yoryu jujutsu*, para fundamentar seu estilo. Viajou pela Europa e conheceu formas sistematizadas de lutar e de ensinar a lutar, como o *wrestling* e o boxe, sempre demonstrando sua preocupação com a cientificidade da educação física da época, bem como algumas idéias de Pierre de Coubertin, fundador dos jogos olímpicos modernos. O *kôdôkan judô* surge como uma proposta rejuvenescida de educação psicofísica japonesa (GUTTMAN; THOMPSON, 2001; KODOKAN, 2000).

Na história oficial do *judô*, cabe destacar, por ocasião da ocupação militar estadunidense em 1945, a proibição da prática de artes e caminhos marciais até 1950, quando o *judô* passa a ser ensinado nas escolas, e, em 1951, a fundação da International *Judô* Federation. Somente em 1979, no 11º campeonato mundial de Paris, adotam-se categorias por peso, reformuladas em 1998, no Campeonato Mundial Junior de Columbia-EUA. A participação feminina é registrada desde a exibição de *judô* feminino nos jogos olímpicos de Seul, em 1988 (GUTTMAN; THOMPSON, 2001; RUBIO, 2006).

No Brasil, o *judô* acompanha a migração dos trabalhadores japoneses para as lavouras de café no Sudeste e Norte, desde 1910 (HANDA, 1987). A ausência de documentos dificulta a organização de datas e locais em que se sua prática e por quem. Um dos principais personagens desse trânsito cultural é Mitsuo Maeda, mais conhecido pelo pseudônimo Conde Koma. Este japonês deixou Tokyo para divulgar o *kôdôkan judô* pelo mundo, em 1904. Chega ao Brasil, na cidade de Porto Alegre, em 1915, estabelecendo-se no Norte, especialmente em Belém. Foi na capital paraense que conheceu os membros da família Gracie – a quem ensinou *judô* e *jujutsu* –, os quais, depois, seriam os protagonistas de renome internacional. Maeda faleceu em Belém e foi enterrado na cidade de Santa Izabel do Pará, a uma hora de Belém. Infelizmente, seu túmulo está abandonado.

O *judô* brasileiro é um esporte de grande popularidade. Depois dos velejadores, os judocas é que trouxeram o maior número de medalhas olímpicas para o Brasil. De acordo com Rúbio, Chiaki Ishii, imigrante japonês do pós-guerra, é quem inicia esse histórico no *judô* brasileiro, apontando que “A história da primeira medalha olímpica brasileira começou a ser escrita por um japonês que tendo

perdido a vaga para disputar os Jogos de Tokyo em 1964, veio para o Brasil como imigrante e reiniciou sua vida.” (2006, p. 248).

No último mundial de *judô*, realizado no Rio de Janeiro, em 2007, o atleta Tiago Camilo, considerado o melhor da competição, conquistou a medalha de ouro, vencendo todos os seus adversários por *ippon*, o golpe perfeito do *judô*, em que um competidor: 1) lança seu oponente fazendo com que suas costas toquem completamente o solo, de forma clara e forçosa; 2) aplica um golpe de submissão, geralmente com as costas no solo, que não permite que o oponente escape num intervalo de 25 segundos; 3) aplica uma chave de junta ou estrangulamento e o oponente bate sua mão no solo ou grita *maitta*, ou 4) quando aplica uma chave ou estrangulamento suficientemente eficaz para finalizar a luta (KODOKAN, 2001).

2.4 *Aikidô*: da tradição aos limites da competição

O *aikidô* é um caminho contemporâneo à criação do *judô*. Seu fundador, Morihei Ueshiba, não só conheceu Jigoro Kano, mas também treinou intensivamente *judô* entre os anos 1907 e 1908 e em 1912, no vilarejo onde vivia, no interior do Japão. Também é pouco conhecido o registro que Ueshiba treinou *kitoryu jujutsu*, arte que influenciou Kano (SHISHIDA, 1985).

O *aikidô* não tem influência direta do *judô*; ao contrário, o sistema marcial de Ueshiba e o de Kano se contradizem em alguns pontos, entre os quais, a idéia de competição. No entanto, é muito provável que o princípio de outras práticas o teria influenciado, especialmente no tocante ao confronto armado, ou seja, a prática de esgrima, baioneta e bastão. Por alguns anos em sua juventude, essas práticas o leva-

riam a adotar o bastão curto e a espada de madeira no *aikidô* (SHISHIDA, 1985; UESHIBA, 1933).

Definitivamente, o estilo de *jujutsu daito ryu* é que veio colaborar para a criação do *aikidô*. Em suas diversas viagens pelo Japão, por inúmeras ocasiões de sobrevivência material, o encontro de Ueshiba com o professor de *daitoryu*, Sokaku Takeda, foi fundamental para sua criatividade marcial. *Daitoryu jujutsu* viria a ser chamado por Takeda de *daitoryu aiki jujutsu*, somente em 1922, possivelmente influenciado por militares letrados, seus alunos, que lhe passaram informações sobre literatura do princípio *aiki* (SHISHIDA; NARIYAMA, 1985).

O termo *aiki*, fundamental para o nome *aikidô*, não pertencia ao *daitoryu* até então. *Ki* deriva do chinês *chi* e é um conceito de energia vital para o conhecimento oriental, assim como o é o conceito de libido, para a psicanálise. Os meridianos energéticos do corpo humano, entendidos pelos chineses há milhares de anos, cuja energia denomina-se *ki*, são fundamentais para o desenvolvimento da medicina chinesa e da acupuntura e para o entendimento do conceito *aiki*, no mundo marcial. Por sua vez, *aiki*, como conceito, surgiu na literatura japonesa somente em 1800, na era Edo (1603-1868). De início, tratado em esgrima como negativo, derivado do confronto entre pares, para depois ganhar conotação positiva a partir de 1892, após ser considerada técnica relacionada à “leitura da mente do oponente” e do grito marcial de liberação de energia, o *kiai*. Esse rol de conhecimentos teria relações com a técnica de Takeda, que finalmente o adotou (SHISHIDA; NARIYAMA, 1985).

Ueshiba viria a abandonar o mestre Takeda depois de alguns desentendimentos interpessoais, embora não deixasse a prática de *daitoryu aiki*. Profundamente influenciado pelo encontro reli-

gioso com Onisaburo Deguchi, fundador da religião *Ômoto*, estava semeado o caráter religioso do que viria a ser o *aikidô*. Esse nome, surgiu só em 1942 após a Segunda Grande Guerra, para substituir *aikibudô*, uma vez que *budô*, por ter conotação marcial, não podia ser usado pelos ocupantes militares. Mesmo antes de *aikibudô*, após seu rompimento com Takeda, desde a década de 1930, *aikidô* fora denominado de *aikibujutsu*, *kobu* e *kôbudô* (SHISHID; NARIYAMA, 1985; UESHIBA, 1984).

A partir da década de 1950, com a recuperação do país, após a Segunda Guerra, o *aikidô* desenvolveu-se em Tokyo. O filho de Morihei Ueshiba, Kishomaru Ueshiba, passou a sistematizar as técnicas que, até então, não eram nomeadas, a exemplo do *daitoryu*, de Takeda (SHISHIDA; NARIYAMA, 1985; UESHIBA, 1984). Após a morte de Ueshiba, em 1969, discordâncias naturais no mundo marcial ocorreram com seus antigos alunos, o que resultou na ramificação do *aikidô*. Como exemplo, o *shin shin toitsu aikidô*, de Koichi Tohei, que acreditava no melhor aprofundamento e domínio da energia vital *ki*, e do *aikidô*, quando o professor Tomiki, aluno de Jigoro Kano, adota o sistema de competição (SHISHIDA; NARIYAMA, 1985; UESHIBA, 1984).

Assim, o estilo de arte marcial é atualmente traduzido por *ai*: harmonia; *ki*: energia vital, e *dô*: caminho. Sua popularização e internacionalização se devem à migração de muitos mestres para o Havaí, Europa e América do Norte. No Brasil, o *aikidô* foi introduzido em São Paulo pelo professor Reichin Kawai, e no Rio de Janeiro, por Teruo Nakatani, na década de 1950. O Brasil é, hoje, um dos países em que esse caminho é mais popular (UESHIBA, 1984).

3 E uma epifania...

As origens de cada caminho marcial são diversas, desde o mitológico e legendário *sumô* até as releituras coletivas da arte da espada, o *kendô*, e a esportivização ocidentalizada do *judô* e, mais atualmente, do *aikidô*. Assim, pode-se observar que o conceito de *budô*, ou caminho marcial, seria trilhado da forma como cada modalidade o define, o que muitas vezes não coincide em conceitos e métodos.

Nota-se que, sob um conceito geral de *budô*, as diferentes manifestações marciais do Japão se reafirmam como um precioso elemento de sua cultura e servem ao desenvolvimento do indivíduo. No entanto, deve-se ressaltar que cada caminho tem suas peculiaridades que não podem ser desconsideradas, pois são elas que possibilitaram diferentes interpretações do que venha a ser *budô*.

A palavra foi, primeiramente, usada no século 13, na obra de Azuma Kagami, da era Tokugawa, e seu uso era raro, de significado ambíguo, relacionado ao termo *bushidô* – ou o código oral de conduta dos samurais –, que, por sua vez, foi raramente utilizada até a era Meiji. De fato,

[...] a palavra era de uso tão raro, a ponto de Nitobe Inazo, de quem a obra *Bushidô* – a alma do Japão, de 1899 (escrita em inglês e não em japonês), provavelmente realizou mais que qualquer outro trabalho singular de popularização da idéia de *bushidô*, ambos no Japão e no ocidente, ser creditado que ele mesmo teria inventado o termo! (FRIDAY, 1997, p. 61, tradução nossa).

A diferenciação dos termos *budô*, como caminho marcial, e *bujutsu*, como arte marcial/

de guerra, é uma tentativa de sistematização mais recente, da era Meiji, por não possuir uso diferenciado em sua gênese. E, assim, é observado que *budô* e *bujutsu*, *kendô* e *kenjutsu*, e mesmo *judô* e *jujutsu* não eram discernidos como o são hoje, ou seja, *budô* como caminho popular de auto-realização, extrapolando a casta guerreira, e *bujutsu* como arte de guerra sem preocupações de autodesenvolvimento, como visto em Friday (1997), Tanaka et al. (2000) e Shishida e Nariyama (1985).

Essas contradições conceituais mais modernas se contradizem ainda mais quando se descobre que, mesmo o chamado *bujutsu*, que enfatizava o guerreiro profissional e suas artes, possuía ideal de moral elevada, de elevação espiritual e preocupações com componentes sociais, critérios típicos do *budô*. É notável que o guerreiro que enfrentar a possibilidade de morte no campo de batalha real, tivesse à flor da pele o medo e a necessidade de controlá-lo, lançando-o em preocupações espirituais. É claro que as manipulações desse medo, como forma de manter pessoas a serviço de outrem, também estavam cercadas de alienações políticas diversas, mas a situação de morte era real de qualquer forma.

Assim, há necessidade de estudar o contexto sócio-histórico em que os termos foram desenvolvidos, utilizados e modificados, e suas migrações dentro do próprio Japão e no trânsito cultural internacional. O termo *budô* atual foi explicitamente discernido de forma sistemática por Jigoro Kano, ao diferenciar o seu *kôdôkan judô* de outras formas de *judô* e *jujutsu*. Essa popularização de *budô* como caminho e *bujutsu* como arte/técnica se deu por seguidores ocidentais de Kano, mas é notório e sabido que seu contemporâneo, Morihei Ueshiba, não comungava com Kano sua definição de *budô* (KANO, 1986; UESHIBA, 1933). Com conotação mais religiosa e menos ocidentalizada e acadêmica que a Kano,

Ueshiba apontou o aspecto competitivo do *kôdôkan judô*, como uma das maiores contradições do *budô* enquanto caminho de auto-realização.

Para resolver, parcialmente, estes e outros problemas, e na tentativa de unificação de diferentes estilos de trilhar os caminhos/artes, a Associação Japonesa de *Budô*, pontuando os princípios que norteiam essas práticas corporais e culturais, criou a *Budô Kenshō*, ou a Cartilha do *Budô*, em 23 de abril de 1987.³ Essa cartilha ou carta sintetiza alguns princípios desse universo cultural, buscando nortear os efeitos de sua internacionalização, enquanto patrimônio expressivo da cultura nipônica.

Esse conjunto de princípios, que ainda não possui tradução oficial para a língua portuguesa, é composto de seis artigos: 1) objetivo do *budô*; 2) *keiko* ou treinamento; 3) *shiai* ou competição; 4) *dôjô* ou local de treino; 5) ensino do *budô*, e 6) promoção do *budô*. Composta por oito federações e duas fundações, não engloba as diversas outras manifestações mais antigas de artes marciais nem as mais novas, mas contempla as escolas que adotaram o termo *budô* como compreendido, a partir do Instituto *Kôdôkan Judô*, de Tokyo, e da *Budô Dai Nihon Butokukai*, de Kyoto.

Cabe-nos observar a atual internacionalização da Carta do *Budô*, seu trânsito multicultural, bem como o acultramento das várias formas de caminhos marciais no Brasil atual e as novas formas que surgem nesse universo cultural.

4 Considerações finais

Os estilos de luta japoneses, entendidos como artes marciais, possuem histórias distintas e diversas, algumas vezes relacionadas aos mitos e lendas, como o *sumô*, e outras vezes às releituras de téc-

nicas e pensamentos modernos de caminhos mais antigos como o *aikidô*, que se origina do *daitoryu aiki jujutsu*.

O termo *budô* não era usual até a era Meiji, ano de grandes transformações políticas e culturais. Mesmo como uma síntese do termo *bushidô*, na era Tokugawa, ambos os termos não eram popularizados como atualmente, sendo Nitobe e Kano os maiores responsáveis por sua popularização e sistematização. Faz-se necessário o estudo e periodização da gênese e trânsito do conceito de *budô*, não só no Japão, mas também em outros países, em especial no Brasil, onde essas práticas foram trazidas por imigrantes de diferentes regiões daquele país, desde 1908.

O contexto social, histórico e psicológico de cada época indicaria por quais tendências o conceito de *budô* foi utilizado e determinado. Estudos futuros podem aprofundar os percursos históricos, em que a elaboração da Cartilha do *Budô* se fez necessária, além de seu impacto e aceitação atual, especialmente, se nos debruçarmos sobre o artigo de número três, ou *shiai*/competição, um dos grandes questionamentos na trilha desses caminhos, em seus processos de internacionalização e esportivização.

É ainda observado que o *budô* atravessa séculos de superação humana e alguns são oriundos de um evento que acompanha a humanidade, a guerra. E assim, para que essas sejam cada vez mais raras, em razão das atrocidades que as acompanham, espera-se que estudos sobre o tema arte marcial para uma educação de paz possam gerar propostas pedagógicas ampliadas para práticas nas escolas ou fora delas, como majoritariamente acontece. Se considerarmos que o legado marcial que herdamos dos primeiros imigrantes comemora também 100 anos, é um bom momento para rever-

mos e iniciarmos pesquisas sistemáticas sobre *budô* no Brasil.

Four histories and an epiphany: indisciplinary studies on Japanese budô

This study analyzes the concepts of the Japanese budô. Four modalities were emphasized to explore the theme: sumo, kendo, judo and aikido. After introducing the general concept of budô, and the four modalities, it is discussed in a critical way this unexplored area of knowledge in Brazil.

Key words: Budô charter. Budô internationalization. Japanese migracy.

Notas

- 1 O uso do termo indisciplinar, neste texto, está no sentido de não optar por disciplina específica, mas indica a busca de transdisciplinaridade, como proposto por Greiner (2005), ao estudar *O corpo, pistas para estudos indisciplinados*.
- 2 A palavra japonesa *kami* pode ser traduzida por deus ou divino. Utilizada ao final do nome, indica a origem divina do personagem.
- 3 O autor trabalha na tradução portuguesa da Carta do *Budô*, sendo necessário o aguardar autorização oficial da Academia Japonesa de *Budô* para sua divulgação no Brasil

Referências

- ALL JAPAN KENDO FEDERATION. *Fundamental kendo*. Tokyo: Japan publications, 1973.
- ASTON, W. G. *Chronicles of Japan from the earliest times to A. D. 697*. Tokyo: Charles E. Tuttle 1972.
- BACK, A.; KIM, D. The future course of the Eastern martial arts, *Quest*, 36, p. 7-14, 1984.

- BENEDICT, R. *The chrysanthemum and the sword: patterns of Japanese culture*. Tokyo: Tuttle publishing, 1954.
- CARDIAS, F. Estudos marciais no Brasil e a Carta do Budô como expressão cultural moderna japonesa. Encontro nacional de professores universitários de língua, literatura e cultura japonesa, 17. *Anais* ... Assis, 31 ago. -1º set. 2006.
- _____. Psicologia dos esportes de combate e artes marciais. In: RUBIO, K. (Org.). *Psicologia do esporte aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- DRAEGER, D. F.; SMITH, R. W. *Asian fighting arts*. Tokyo and Palo Alto: Kodansha international, 1969.
- DONOHUE, J. Modern educational theories and traditional Japanese, *Journal of Asian Martial Arts*, v. 14, n. 2, 2005.
- _____. *Complete kendo*. Tokyo: Tuttle martial arts, 1999.
- FRIDAY, K.; HUMITAKE, S. *Legacies of the Sword: the kashima shinryu and samurai martial culture*. University of Hawai'i Press, 1997.
- GREINER, C. *O corpo, pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Summus, 2005.
- GUTTMAN, A.; THOMPSON, L. *Japanese sports: a history*. University of Hawai'i Press, 2001.
- HANDA, T. *O imigrante japonês: História de sua vida no Brasil*. São Paulo: Queros, 1987.
- KANO, J. *Kodokan judo*. Tokyo: Kodansha international, 1986.
- KENDO PIRATININGA. *Histórico no Brasil e na ACEP*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/colosseum/sideline/7756/>>. Acesso em: 5 fev. 2008.
- KODOKAN. *New Japanese-English dictionary of judo*. Tokyo: Kodokan, 2000.
- NEWTON, C. *Dynamic sumo*. Tokyo, London, New York: Kodansha international 1994.
- NOGUCHI, H. The idea of the body in Japanese culture and its dismantlement, *International Journal of Sport and Health Science*, v. 2, p. 8-24, 2004, Disponível em: <<http://wwwsoc.nii.ac.jp/jspe3/index.htm>>.
- PHILIPPI, D. L. *Kojiki*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1968.
- RUBIO, K. *Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- SHISHIDA, F.; NARIYAMA, T. *Aikido: tradition and competitive edge*. Tokyo: Taishukan publishing, 1985.
- TANAKA, T.; TODO Y.; HIGASHI K.; MURATA, N. *Budo wo shiru*. Tokyo: Fumaido, 2000.
- UESHIBA, K. *O espírito do aikidô*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- UESHIBA, M. *Budo training in aikido*. Tokyo: Japan publications, 1933.

recebido em 10 abr. 2008 / aprovado em 8 maio 2008

Para referenciar este texto:

GOMES, F. J. C. Quatro histórias e uma epifania: estudos indisciplinados acerca do *budô* japonês. *Dialogia*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 41-51, 2008.
